

Temporada 2021/2022 - Mundos

17h00

M/6 anos

Pequeno Auditório

6 mar 2022

Time Stands Still

**Nuno Côrte-Real
com Ensemble
Darcos & Eduarda
Melo**



Música e direção musical **Nuno Côrte-Real**

Soprano **Eduarda Melo**

Ensemble Darcos

Flauta **Marina Camponês**

Clarinete **Bruno Graça**

I Violino **José Pereira**

II Violino **Paula Carneiro**

Viola **Reyes Gallardo**

Violoncelo **Carolina Matos**

Contrabaixo **Duncan Fox**

Harpa **Carolina Coimbra**

Percussão **Marco Fernandes**

Percussão **Cristiano Rios**

Piano **Hélder Marques**

PROGRAMA

Maurice Ravel (1875 – 1937)

Introdução e *Allegro* (septeto com harpa)

John Dowland (1563 – 1626) / Nuno Côrte-Real (n. 1971)

Time Stands Still

1. *Mr. Sérgio Azevedo's Prelude*
2. *Come again! Sweet Love doth now invite*
3. *Mr. António Pinho Vargas Pavan*
4. *Flow, my tears*
5. *Mr. Artur Ribeiro's Air*
6. *Awake, sweet love*
7. *Mr. Mats Lidstrom his Fantasia*
8. *I saw my lady weep*
9. *Sir Christopher Bochmann his atonal transition*
10. *Shall I sue*
11. *Mr. Eurico Carrapatoso's Fugue*
12. *Weep you no more, sad fountains*
13. *Lady Maria João's Improvisation*
14. *Time stands still*
15. *I Know not what tomorrow will bring*
(*Fernando Pessoa's last written words on the day of his death*)

Time Stands Still

John Dowland | Nuno Côrte-Real

Time Stands Still é uma revisitação moderna, de Nuno Côrte-Real, das canções para alaúde do compositor inglês John Dowland. Nesta versão, as canções são cantadas por Eduarda Melo e intercaladas com obras originais de Côrte-Real em jeito de homenagem a artistas que o compositor admira.

Time Stands Still, título de uma das canções de John Dowland (1563-1626) – importante compositor e músico inglês, contemporâneo de Shakespeare – que fazem parte deste concerto, faz-nos refletir sobre a recente pandemia que assolou o mundo, obrigando-o a parar – o tempo parou. E, as últimas palavras de Fernando Pessoa, no dia da sua morte («I know not what tomorrow will bring»), falam-nos sobre a incerteza de não saber o que o amanhã nos trará, à semelhança da insegurança em que vivemos, não sabendo o futuro, não sabendo quando voltaremos a conseguir fazer previsões e quando voltamos a controlar o dia de amanhã.

As *Lute Songs* (canções de alaúde) de John Dowland são verdadeiros tesouros musicais. Não possuem, é certo, a grandiosidade sinfónica, nem o dramatismo operático, nem são religiosas ou diabólicas, nem tão pouco exibem complexidade na escrita e na forma. É na sublime intimidade espiritual que reside a sua maior virtude. São canções que manifestam o paradoxo e a melancolia, tão típicas do período isabelino inglês, e que oferecem um lirismo delicado, nunca deixando o ouvinte entediado. O paradoxo vem da mestria com que Dowland canta, por exemplo, o pranto de um desgosto de amor, revelando ao mesmo tempo a beleza que reside na tristeza desse desgosto (*I saw my lady weep*); a melancolia, que naquela época estava em moda, percorre, com mais ou menos intensidade, todas as suas maravilhosas canções.

Este projeto é, assim, uma revisitação contemporânea das *Lute Songs* de Dowland, para voz e *ensemble*, numa adaptação do compositor Nuno Côrte-Real.

Apesar de já estarmos longe desse período da História, há, porém, uma certa melancolia nas entrelinhas do nosso tempo que tornam estas canções vivíssimas. Assim como o paradoxo (ou a contradição) que vivemos hoje em dia – está em todo o lado, em todos os cantos, na essência da vida que levamos, feroz, violento – faz com que os sentimentos contidos naquelas pequenas e íntimas canções se elevem e se tornem ensurdecedores aos nossos ouvidos. *Time Stands Still*, título de uma das canções aqui revisitada, é o perfeito epíteto para uma filosofia do tempo e da vida que urge debater e construir, com todo o nosso ímpeto e todo o nosso espírito.

(...) Time Stands Still, título de uma das canções de John Dowland (1563-1626) – importante compositor e músico inglês, contemporâneo de Shakespeare – que fazem parte deste concerto, faz-nos refletir sobre a recente pandemia que assolou o mundo, obrigando-o a parar – o tempo parou. (...)

Nuno Côrte-Real

Compositor e maestro

Nascido em Lisboa, em 1971, Nuno Côrte-Real tem vindo a afirmar-se como um dos mais importantes compositores e maestros portugueses da atualidade. Nas palavras de Rui Vieira Nery «compositor com liberdade criativa, desafiando todos os rótulos estilísticos actuais (...) em plena produção e em plena consagração, sempre com uma capacidade de nos envolver emocionalmente, muito saudável e muito pura, à sua maneira.» Ganhou, consecutivamente, o prémio de Melhor Trabalho de Música Erudita da Sociedade Portuguesa de Autores, em 2018 e 2019, com o ciclo de canções *Agora Muda Tudo* e com a ópera *Canção do Bandido*, respetivamente. Das suas estreias destacam-se *7 Dances to the death of the harpist* na Kleine Zaal do Concertgebouw, em Amesterdão, *Pequenas músicas de mar* na Purcell Room, em Londres, *Concerto Vedras* na St. Peter's Episcopal Church, em Nova Iorque, *Novíssimo Cancioneiro* no Siglufirdi Festival, em Reiquiavique, e *Andarilhos* na Casa da Música, no Porto. A sua discografia inclui discos editados nacional e internacionalmente em vários géneros musicais, desde a música de câmara à música coral, sinfónica e ópera. Destacam-se *Volupia* (Numérica 2012), *Mirror of the Soul* (Odradek 2016), *Agora Muda Tudo* (Odradek 2019), *Cante* (Odradek 2020) e *Time Stands Still* (Artway Records 2020). No mundo cénico, Nuno Côrte-Real tem trabalhado com alguns dos principais nomes da ópera, teatro, literatura e cinema portugueses. Como maestro, Nuno Côrte-Real já dirigiu a Mahler Chamber Orchestra, Orquestra Sinfónica Giuseppe Verdi, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Sinfónica de Castilla y León, Orquestra Ciudad Granada, Real Filharmonía de Galicia, Orquestra de Extremadura, Orquestra Metropolitana de Lisboa, entre outras, para além de inúmeros projetos com o Ensemble Darcos. É fundador e diretor artístico do Ensemble Darcos, grupo de música de câmara que se dedica à interpretação da sua música e do grande repertório europeu, e assina artisticamente a Temporada Darcos. Foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura e, em 2003, foi-lhe atribuída a medalha de Mérito Grau Prata da Câmara Municipal de Torres Vedras.

Eduarda Melo **Soprano**

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música e o elenco do prestigiado CNIPAL em Marseille.

Foi galardoada com o 2.º prémio do concurso internacional de Toulouse.

É convidada para vários festivais na Europa e canta sob a direção de maestros tais como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus, Antonello Allemandi, em prestigiadas casas de ópera (Glyndebourne, Marseille, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa).

Em ópera destacam-se os papéis de Soeur Constance (*Dialogues des Carmelites*), Corinna (*Il Viaggio a Reims*), La princesse Laoula (*L'Étoile*), Rosina (*O Barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'Italiana in Algeri*), Norina (*Don Pascuale*), Musetta (*La Bohème*), Despina (*Così Fan Tutte*), Erste Dame (*A Flauta Mágica*), Rinaldo (*Armida*), Stéphano (*Romeu e Julieta*), Frasquita (*Carmen*), Gabrielle (*La Vie Parisienne*), Valenciennne (*La Veuve Joyeuse*), Spinalba (*Spinalba*), Fedra (*L'Ippolito*), Ascanio (*Lo Frate Nnamorato*), Zemina (*Die Feen*), Vespina (*L'Infedeltà Delusa*) e Elle (*A Voz Humana*).

No âmbito da música contemporânea tem participado em criações de António Pinho Vargas, Nuno Côrte-Real, Luís Tinoco e Nuno da Rocha. Colabora regularmente com Le Concert de la Loge (Julien Chauvin), Divino Sospiro e Ludovice Ensemble.

Ensemble Darcos

O Ensemble Darcos é um dos mais prestigiados grupos de câmara portugueses da atualidade. Foi criado em 2002, pelo compositor e maestro Nuno Côrte-Real e tem como propósito a interpretação dos grandes compositores europeus de música de câmara, como Beethoven, Brahms ou Debussy, e a música de Côrte-Real; esta relação confere-lhe contornos de projeto de autor.

Em termos instrumentais, o Ensemble Darcos varia a sua formação consoante o programa que apresenta, de duos a quintetos, até à típica formação novecentista de quinze músicos, tendo como base os músicos

Filipe Quaresma, Gaël Rassaert, Hélder Marques e Reyes Gallardo. Para o efeito, convida regularmente músicos de excelência oriundos de várias regiões do globo, destacando-se, entre outros, o violoncelista Mats Lidström, os violinistas Massimo Spadano, Giulio Plotino e Junko Naito, o pianista António Rosado, a violetista Ana Bela Chaves ou o percussionista Miquel Bernat. Interpreta regularmente programas líricos, para os quais tem convidado alguns dos mais importantes cantores portugueses da atualidade, tais como Eduarda Melo, Luís Rodrigues, Dora Rodrigues, Lara Martins ou Job Tomé. Desde 2006 o Ensemble Darcos efetua uma residência artística em Torres Vedras, tendo iniciado em 2008 a Temporada Darcos, série de concertos de música de câmara e sinfónicos. Da sua atividade concertista, destacam-se os concertos na sala Magnus, em Berlim, em outubro de 2007, na interpretação do Triplo Concerto para Violino, Violoncelo, Piano e Orquestra de Beethoven, na Igreja de St. John's Smith Square, em Londres, com direção musical de Nuno Côrte-Real, e a participação regular nas últimas edições do festival Dias da Música em Belém, em Lisboa. No verão de 2014, apresentou-se no Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim. Em janeiro de 2010, o Ensemble Darcos gravou para a RTP uma série de canções de Cole Porter com os cantores Sónia Alcobaça e Rui Baeta, programa apresentado em Lyon, França, em parceria com a Camerata du Rhône. O CD *Volupia*, primeiro trabalho discográfico do grupo e inteiramente dedicado à obra de câmara de Nuno Côrte-Real, foi lançado em outubro de 2012 pela editora Numérica. Seguiram-se *Mirror of the Soul* (Odradek 2016), *Agora Muda Tudo* (Odradek 2019) e, mais recentemente, *Cante* (Odradek 2020) e *Time Stands Still* (Artway Records 2020).

APOIOS

DARCOS



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES

DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES



Torres Vedras
Câmara Municipal



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

JÁ A SEGUIR: 13 MARÇO 2022

Música Erudita

Grande Auditório, 17h00, M/6

A Canção da Terra

Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa interpreta, sob a direcção musical do maestro Sylvain Gansançon, *A Canção da Terra*, de Gustav Mahler, acompanhada da contralto Cátia Moreso e do tenor Carlos Cardoso. Esta obra foi composta há pouco mais de um século, altura em que se vivia na Europa uma mudança profunda de paradigmas, também nos universos intelectual e artístico. Antes disso, temos a oportunidade de deambular pelas texturas tímbricas de *Tua Lágrima em mim*, uma composição de Ana Seara datada de 2009 que, com passos firmes, tem vindo a tornar-se repertório recorrente nas salas de concerto.

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2021/2022



PROJETO CCB - CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR



Design Gráfico: Change is Good
Capas: Nuno Córte-Real © Jorge Carmona
Eduarda Melo © Nelson D'Alres
2022